

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA - IJUSC

Este paper é apresentado à Diretoria de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Carolina Schiesari

Paper 4 - Florianópolis, 14 de setembro de 2023

Oficina de Colagem: cortar e colar - forma e conteúdo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar aos leitores como a técnica expressiva da colagem pode ser utilizada em contexto psicoterapêutico a fim de favorecer a ampliação do olhar e aprofundamento acerca de determinados conteúdos experienciados em consultório, sob a ótica da *forma* e do *conteúdo*.

Na obra *Natureza da psique* (2012), Jung afirma que "(...) a expressão assim elaborada do estado de ânimo é como uma imagem dos conteúdos e tendências do inconsciente que se congregam (...)" (O. C. VIII, §167). E complementa:

"Importa menos uma descrição tecnicamente e esteticamente satisfatória, do que deixar campo livre à fantasia, e que tudo se faça *do melhor modo possível*. (...) Aqui também tem-se um produto que foi influenciado tanto pela consciência como pelo inconsciente, produto que corporifica o anseio de luz, por parte do inconsciente, e de substância por parte da consciência". (O. C. VIII, §168)

Compreendendo que cada indivíduo tem maior ou menor facilidade em expressar(-se em) seus conteúdos, utilizando-se das mais variadas formas, entendemos que promover um ambiente de exploração destas manifestações pode ser bastante propício para a compreensão dos mesmos e, concomitantemente, a ampliação de repertório para lidar com eles. "Há pessoas (...) que nada vêem ou escutam dentro de si, mas suas *mãos* são capazes de dar expressão concreta aos conteúdos do inconsciente. Esses pacientes podem utilizar-se vantajosamente de materiais plásticos.". (Jung, O. C. III, §171)

A colagem recorta, apresenta e (re)arranja indícios sobre o funcionamento e a psicodinâmica da pessoa, assim como expressa também o seu momento de vida,

tendências, direções e orientações criativas do inconsciente. As imagens escolhidas pelo paciente trazem projeções de conteúdos mais próximos ou mais distantes da consciência e/ou do inconsciente.

A colagem é uma técnica expressiva que pode ser utilizada como cartografia, anamnese e psicodiagnóstico imagético em situações diversas, tais como: em início de processo terapêutico; com pacientes que trazem pouco conteúdo na fala; nos momentos em que terapeuta e paciente percebem/sentem que este último esteja com dificuldade em lidar/aprofundar algum conteúdo específico; quando há uma carga afetiva intensa que não está encontrando contorno; em situações em que o paciente se mostra evitativo, enrijecido, obsessivo sobre algum tema.

Toda essa multiplicidade de situações nos mostra como o trabalho clínico acontece de diversos aspectos em forma e conteúdo. A forma diz do conteúdo e o conteúdo revela a forma. Na colagem, podemos observar também essa atuação. Neste paper, nos propomos ao desafio dessa mesma divisão, sabendo que a separação entre as duas instâncias não acontece de fato. Tal recorte se vale aqui de maneira didática - ou poética - pois compreendemos que *"o meio é a mensagem"*¹. Lancemos-nos, pois, à *forma*.

Assim como temos internamente diversas imagens à nossa disposição (mais ou menos recortadas pelas lâminas dos afetos) é importante também oferecermos um acervo imagético àqueles que farão a colagem. Para iniciar esta coleção sugere-se reunir imagens das mais variadas fontes e naturezas (revistas, jornais, panfletos, papéis de presente) e guardá-las em um espaço cuidado e prático. Tais imagens devem estar às ordens (e desordem) e ao alcance das mãos.

O inconsciente se comunica por meio de imagens. Portanto, é de bom tom evitar recortes que contenham palavras, letras, números a fim de intimidar a atuação do ego e deixar o verbo anímico correr livremente.

Para *cortar*, tesoura grande, pequena, de picote, estilete. Para *colar*, cola líquida, bastão, colorida, com glitter, durex, fita crepe. Quanto maior a quantidade e variedade de instrumentos, maior será a possibilidade de projetarmos conteúdos que querem se fazer ser vistos, lidos, ouvidos, cortados e colados.

O *suporte* diz do solo em que se pretende semear, lavrar e colher. Pode-se apresentar cartolina, cartões, papéis de tipos, cores, tamanhos e gramaturas

¹ Termo cunhado e título de obra do filósofo canadense Herbert Marshall McLuhan, lançado em 1967.

variados, a depender do que se pretende propor ao colador. Cada um desses materiais guarda em si possibilidades de leituras simbólicas.

A *proposta* é um convite feito pelo psicoterapeuta para uma possível elaboração cartográfica dos temas e do dinamismo psíquico do paciente a ser realizada em conjunto, levando em consideração as possibilidades e disponibilidades do mesmo para essa exploração/construção, na busca por ampliar seu repertório e recursos. Podemos fazer proposições livres ou específicas acerca de temas, tempo de execução, quantidade de imagens a serem manipuladas. Todo cultivo requer preparos e cuidados próprios.

A colagem nos possibilita perceber também indícios sobre a psicodinâmica do paciente, ou do funcionamento que ele está apresentando naquele momento de vida e/ou sobre aquele determinado assunto e a direção apontada pelo inconsciente. Podemos orientar nosso olhar das seguintes maneiras: a forma a pessoa escolhe as imagens (olha rapidamente, demora-se; tem mais facilidade ou dificuldade nas escolhas, presta atenção aos detalhes de cada imagem); a forma a pessoa recorta as imagens (recorta contornando a figura, deixa margem nesse contorno; recorta de maneira a deixar mais reto, mais arredondado; não recorta, rasga); a forma a pessoa cola as imagens (que material(is) usa, testa arranjos de composição, cola direto, cola imagens sobrepondo-as; cola deixando para fora do papel, deixa margem); como a pessoa parece estar se sentindo com a proposta (parece interessada, entediada, incomodada, triste, com raiva, curiosa, preocupada - em toda a execução ou em etapa(s) específica(s)); como a pessoa se organiza durante a confecção da colagem (faz uma primeira triagem, depois refina-a; ordena as imagens escolhidas; arruma os materiais após o uso; joga fora os restos de papel).

Nosso olhar atento a esses muitos movimentos possibilita recortar e colar constantemente novas possibilidades imagéticas e suas composições acerca do indivíduo, permitindo assim, a expressão do mistério inconsciente sem grudar-se a uma confecção originada egoicamente.

Assim, é importante lançar um olhar sobre as técnicas expressivas no contexto terapêutico enquanto pontes, que podem promover/facilitar o trânsito de alguns conteúdos, do mundo interno para o externo, reciprocamente, sempre visando a continuidade dos caminhos a serem desvendados, explorados, percorridos e nunca como um fim em si.

Deste modo, podemos compreender que há um conteúdo expresso nas formas. E que as formas apresentam em si determinados conteúdos. Conteúdos concebem formas. Conteúdos e formas expressam(-se) uns nos outros. Essa dança é tão bem sincronizada, que retomamos a dificuldade em estabelecer com clareza os limites entre esse par. Assim, propomos neste momento, um passeio junto aos *conteúdos*.

A confecção de uma colagem permite a incursão do nosso olhar por vários campos de leitura. Partindo então da *forma*, seria possível então questionar: que *conteúdos* simbólicos podem estar sendo expressos quando se opta por um material ou outro? A cola líquida, por exemplo, propõe uma liga molhada, exige um tempo de secagem mais longo e oferece uma aderência mais firme e permanente. O durex se apresenta mais rápido, prático e sem sujeira. A tesoura maior faz cortes grandes de uma só vez, a menor fornece mais precisão nos detalhes.

Compreendendo que todo conteúdo psíquico projetado no papel é de caráter particular daquele indivíduo, tomamos a liberdade de fazer o seguinte paralelo: assim como Jung (2013) nos ensina que o sonho é do sonhador, também a colagem é do colador. "Os sonhos podem revelar o segredo" diz o autor em *A vida simbólica* (O. C. XVIII/1, §473).

Deste modo, o que a leitura do aspecto formal (por assim dizer) da colagem pode desvelar sobre os conteúdos de quem a realizou? Quando há muito ou pouco espaço entre as figuras e/ou quando estão sobrepostas, podemos indagar acerca da proximidade, distanciamento e/ou justaposição destas imagens no mundo interno daquela pessoa. Hipotetizando, uma árvore distante do solo, próxima das nuvens e sobre um mar pode revelar qual segredo? Ainda na mesma obra, Jung (2013) declara que os aspectos subliminares "constituem o material psíquico que deve ser considerado como fator intermediário entre conteúdos conscientes e inconscientes ou como ponte que cobre o abismo entre a consciência e a base fisiológica do fenômeno psíquico" (O. C. XVIII/1, §474).

Na jornada destas leituras imagéticas junto ao paciente, nosso olhar vagueia penetrando ainda mais nos símbolos a serem amplificados: temas, imagens, cores que se repetem; presença dos quatro elementos da natureza (predomínio ou supressão de algum(ns)); animais, figuras humanas (são fotos, desenhos, inteiras/partes, estão sozinhas, acompanhadas de outros seres, são mulheres, homens, crianças, velhos).

Podemos traçar diretrizes para esse olhar acerca das relações possíveis das cores com a simbólica alquímica ou dos elementos da natureza com a tipologia psicológica, por exemplo. JUNG coloca que "A interpretação de sonhos e símbolos depende muito da constituição individual do sonhador. Os símbolos não possuem apenas uma, mas várias interpretações. (...) A interpretação correta depende do contexto, isto é, das associações ligadas à imagem onírica e do estado de espírito efetivo do sonhador" (O. C. XVIII/1 § 520). Desta forma, nos faz reiterar a importância de não encerrarmos as imagens e símbolos numa compreensão estanque, a matá-los. Mas, diferentemente, considerá-los dinâmicos na relação dialética que se estabelece (entre analista e analisando, entre consciência e inconsciente de um de outro) e também com o atributo próprio de mutabilidade de seus entendimentos.

Outros caminhos ainda de exploração atenciosa se fazem via sentimento, sensação, memórias e lembranças. O que a *forma* e o *conteúdo* evocam? Isso chega claramente ao paciente? Este consegue expressar e compartilhar? Verbalmente (de maneira oral/escrita) ou não?

A colagem serve como mapa, como uma certidão de nascimento para os conteúdos psíquicos que estavam sendo gestados, não como atestado de óbito². Sendo, portanto, um documento de aberturas, podemos propor a continuidade deste para outros formatos: texto, poesia, desenho, modelagem em argila. Tal proposta pode ser feita acerca da colagem toda ou mesmo de uma só imagem (a que mais gostou ou a que menos agradou, por exemplo). E, considerando a intemporalidade da psique, uma nova colagem com a mesma proposta, pode anunciar novos elementos a serem explorados.

Compreendendo que, na prática clínica montamos também colagens - verbais e não-verbais - podemos agora refletir sobre quais palavras colam mais facilmente em algumas pessoas? Quais são aquelas que precisamos esperar secar, para que grudem? Quais gestos constituem cortes? Quais rasgos evitamos? Quais suportes propiciamos a determinados temas? Quais imagens nos chamam e como fazemos a escolha por uma ou outra? Quais recortes elegemos para montar uma história? Quais justificativas não colam mais?

² A morte do símbolo acontece no encerramento do olhar em interpretações redutivas, ao invés de ampliações prospectivas.

Por último, vale a pena retomar a extrema importância de não esquecermos que, aquilo que está expresso no processo de escolha das imagens, materiais e maneira como o paciente monta a sua colagem deve ser tomado com muito respeito de modo a cuidar de inferências e contaminações por parte do analista. Pois, como JUNG ressalta: "A possibilidade de tirar conclusões audaciosas leva facilmente a atos de violência". (O. C. XV, §101).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNG, Carl Gustav. A natureza da psique OC 8/2. Petrópolis: Vozes, 2012

JUNG, Carl Gustav. A vida simbólica OC 18/1. Petrópolis: Vozes, 2013

JUNG, Carl Gustav. O espírito na arte e na ciência OC 15. Petrópolis: Vozes, 2012